

Paisagem e cultura em Brasília e no Brasil

20 ABR 2006

CLOVIS SENA

Jornalista e escritor

Qualquer cidade brasileira pode escolher arborizar-se apenas com plantas da respectiva região. Menos Brasília. Um projeto em execução para plantar na capital da República só mudas de árvores do cerrado é equívoco, pois Brasília é da nação toda, não cidade regional.

Quando era a capital, na primeira reforma urbana de vulto — a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco) — o Rio recebeu mudas de pau-brasil em toda a extensão. Arborização que seria anos mais tarde sacrificada em proveito de mais espaços para os novidadeseiros automóveis. Em 1945, ao sair do governo, Getúlio Vargas retorna para sua terra natal (São Borja-RS) onde toma posse de um terreno como herança paterna.

Mas, em vez de plantar pasto para o gado a exemplo dos demais vizinhos, mandou buscar no sul da Bahia centenas de mudas de pau-brasil, embarcadas no porto de Ilhéus. E todos os dias, pela manhã, após ler livros franceses e tomar o chimarrão, lá se punha a plantar pau-brasil — sem se importar que estava

velho, enquanto pau-brasil é árvore que só fica adulta lá pelos 200 anos.

Pau-brasil tem de marcar presença em Brasília, capital da República. Ora, atualmente faz-se transplante de órgãos humanos. Por que não fazer transplantes na adaptação das árvores brasileiras? Brasília fica no cerrado, sim, mas entremeada de lagos, rios e rios por toda parte. E há ciência de como plantar árvore para durar.

O eucalipto começou a ser plantado no Brasil há uns 100 anos. Tem grande importância econômico-científica. A árvore deve ser plantada em área adequada, em Brasília como em qualquer outro lugar. Pois eucalipto seca em volta. Mangueira também seca o gramado e suas folhas dão guarida aos pernilongos. Mas deixemos as mangueiras onde estão. Vamos a outras árvores nacionais.

Araucária, também conhecida por pinheiro-do-paraná, é brasileira e muito bonita. Tem de haver muitas araucárias em Brasília e por todo o Distrito Federal. Árvores do norte, amazônicas, como a castanheira, imensa, belíssima, têm de compor a paisagem de Brasília — também o cu-

maru, a massaranduba (madeira férrea, pau de dar em doido), a seringueira, o cedro. Bem-vindas são a bacabeira (ou bacaba), palmeira de belo porte, a carnaúba, palmeira com cuja cera se faziam os antigos discos de gravar música, antes do advento dos discos de plástico. Carnaúba em Brasília. E pau-brasil, claro.

Além da vegetação, que deve ser variada, os escritores brasileiros merecem voltar a ter encontro nacional todos os anos em Brasília, juntamente com o concurso nacional de textos. E prêmio para o melhor livro editado nos 12 últimos meses em qualquer parte do país. Esse encontro poderia coincidir com a feira de livros. Mas que se convidem também escritores representativos dos estados, não apenas de nome nos órgãos de comunicação de São Paulo e Rio. Vale a pena incluir aí o encontro de repentistas e cantadores.

Os artistas plásticos merecem a volta do salão nacional de Brasília. Esse salão funcionou nos primeiros anos da cidade. Mas eis que, justamente em 1964, a mostra, entre as paredes do Teatro Nacional em construção, apresentava telas que tinham temática inconformista

com a ordem vigente. Daí por diante, nunca mais.

No ano da inauguração de Brasília, Paschoal Carlos Magno promoveu em dependências do então Cine Cultura e no auditório da Escola Parque um Festival Brasileiro de Teatros de Estudantes, findo o qual os protagonistas se lançaram, em colunas, uma adentrando Goiás, outra o Triângulo Mineiro e mais uma o interior de São Paulo. Montavam teatro ao ar livre para as respectivas populações, indo finalmente todos se reencontrarem em desfile na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Paschoal, que, por último, era o assessor cultural e estudantil do presidente Juscelino, no último mês de janeiro foi evocado pelo país, em razão do transcurso de seu centenário.

E não apenas Brasília e capitais de estado, mas também centenas de cidades do porte e qualidade de Taguatinga, Gama, Sobradinho, Feira de Santana, Campina Grande, Imperatriz — cerca de 200 — bem merecem possuir não um faz-de-conta, mas teatro mesmo, construído cada qual no meio de uma praça, garagem no subsolo e com os equipamentos de direito.